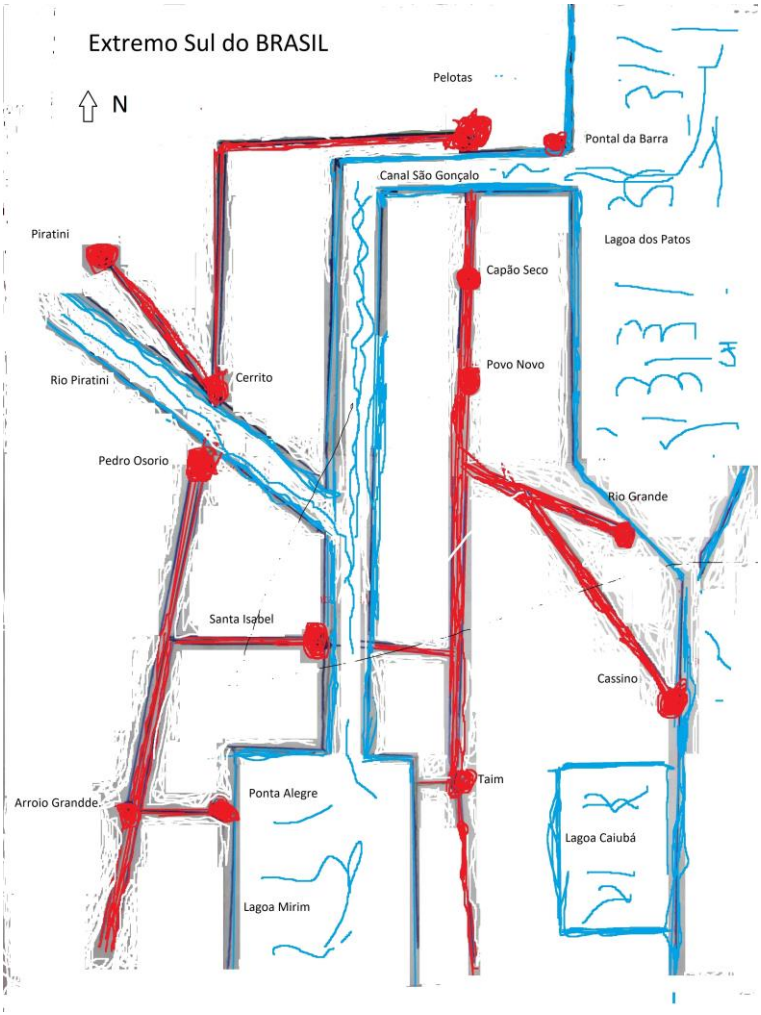

Extremo Sul do BRASIL
N
Pelotas
Pontal da Barra
Canal São Gonçalo
Lagoa dos Patos
Piratini
Capão Seco
Povo Novo
Rio Piratini
Cerrito
Pedro Osorio
Rio Grande
Santa Isabel
Cassino
Taim
Ponta Alegre
Arroio Grandde.
Lagoa Caiubá
Lagoa Mirim

Zésouza.

Bozó.

1ª Edição.

Pelotas
José Freitas de Souza.
2020.

Bozó
Edição do autor.
Clube de Autores.
WWW.clubedeautores.com.br

Brasil 2020.

ISBN 978-65-00-12207-7

O apito do barco a vapor, com passageiros, deslizando nas águas do Canal de São Gonçalo, procedente da cidade do Rio Grande e chegando na cidade de Pelotas. No atracadouro um grande veleiro com seus altos mastros e as velas sacudindo ao vento.

Um grupo de moleques brincando na água, nadando, mergulhando e com três pelotas de couro fazendo corrida de pelotas. Formavam três duplas, cada dupla com uma pelota; um dentro da pelota e outro nadando e puxando a pelota, disputando quem primeiro atravessava de uma margem a outra. Enquanto as duplas atravessavam o canal, de margem a margem, os outros moleques, uns nas margens e outros dentro da água, gritavam torcendo e incentivando.

Cinco lavadeiras com enormes trouxas de roupa suja, na cabeça, chegando a margem para mais um dia de trabalho.

Um mergulhão em voo rasante acima da água, mergulhou; mergulho rápido e voltou com um peixe no bico.

Na charqueada, a margem do São Gonçalo, homens e bichos se movimentavam em mais uma jornada. Um bando de urubus voando, em círculos, lá muito alto. Um quero-quero voando rasante e gritando. Pousado num moerão o carancho olhava atento. Uma mulher e três guris juntando ossos das patas de bois para fazer mocotó. Um grito de um feitor. Um cachorro latiu. Dois homens arrastando um couro de boi. Um boi correndo e o laçador laçou botando o laço nas guampas, o Cortador correu e com a lança, que tinha na ponta uma lâmina em forma de meia lua, cortou o tendão da pata esquerda, sangrando na pata o boi deu um berro e caiu, o sangrador correu com a faca na mão para sangrar o boi caído. Um negro alto levando um carro de mão cheio de carne para a cozinha.

Uma pilha de cabeças de bois e um homem com um machado abrindo as cabeças ao meio e tirando os miolos para comer mexido com ovos.

No galpão da salga homens e mulheres revirando e empilhando mantas de carne salgada.

Chegando mais uma tropa de gado, um tropeiro ao galope para ir abrir a porteira da mangueira. Acompanhando a

tropa o Capitão do Mato.

O Capitão do Mato viu o moço Cortador, entre eles havia uma velha pendenga. Capitão do Mato esporeou o cavalo e deu de rédeas até onde o Cortador estava; chegou puxando a espada e desafiando ao Cortador para um duelo. O Cortador se manteve calmo, sorriu e disse ao Capitão do Mato que fosse morrer na mão de outro.

O sino avisando que era a hora da boia. Na cozinha as grandes panelas de ferro fervendo o feijão com carnes e abóboras, um tacho derretendo sebo para fazer graxa. Na porta da cozinha a portuguesa gorda, pés descalços, bigode, dando ordens ao moleque de recados:

-A pois que lá a "Sanga dos Leiteiros" pegas o leite e os queijos. E não te esqueças de passar lá ao armazém e pegares a tapioca…

Ela viu o Cortador chegando a cozinha e fez um sinal, ele aproximou-se e ela perguntou:

-O Cortador tu és novo, e eu cá te pergunto: não queres viver?

-Eu quero, eu até gosto da vida…

-Então aceita o desafio do bandido do Capitão do Mato, pois se não ele te vai a matar as traições, que ele é bandido e covarde.

Ele olhou para ela curioso. Ela sacudiu a mão dizendo:

-A pois que cá, nessa charqueada, as notícias correm.

A mulata sorridente distribuindo farinha de mandioca. Homens famintos, sentados junto as grandes mesas, segurando firme as colheres. O Cortador comendo e pensando, pensando e comendo.

Parado num canto da cozinha ao lado do barril da água o Capitão do Mato estava lendo o jornal "Correio Mercantil" e interessado no anúncio de uma escrava que tinha fugido no Passo dos Canudos

O Cortador pegou a caneca e foi ao barril tirar água. Perto do Capitão do Mato, falou em voz baixa:

-Pensei e aceito o desafio. Um duelo.

Sem tirar os olhos do jornal o Capitão do Mato

perguntou:

-Espada ou pistola?

-Lança. Lança de corte…

Domingo o grito das saracuras e o alarido dos tarrãs saudavam a barra do dia. Na cancha das carreiras de cavalos, no "Passo dos Negros", que se estendia paralela ao Canal São Gonçalo, os dois. Distantes um do outro mais ou menos cem metros. Os cavalos escarvando inquietos prevendo o duelo. As lanças com suas navalhas afiadas…

*

-Uma vai ser bruxa. Vai ser bruxa.

Disse a mulher gorda com uma escama de peixe colada na testa. As outras mulheres que estavam em volta da mesa, grande, escamando e limpando peixes olharam para ela. A magrinha desdentada riu e perguntou:

-O que tu dizendo?

A mulher gorda passou a mão na testa e tirou a escama de peixe, sacudiu a faca no ar e disse:

-A Lelé deu cria essa noite, mais uma filha mulher…

-Com certeza o nome vai ser Ana.

-É… Ana Júlia.

-Sete filhas.

-Ana Beatriz, Ana Cláudia, Ana Dulce, Ana Flora, Ana Guiomar, Ana Helena e Ana Júlia. Uma vai ser bruxa…

*

-Inspetor de polícia... Está aqui na portaria, dona Ana Cláudia.

Tonta ela passou a mão no cabelo. Falando com o porteiro do prédio através do interfone; perguntou:

-Inspetor de polícia?

-Sim senhora…

-Bom… Manda subir…

Nervosa andou pela sala, desligou a televisão, o jornal Diário Popular aberto em cima do sofá, leu a manchete principal:

-Pelotas terá reforço na Saúde até o final do ano.

Soltou o jornal e foi abrir a porta.

Parado diante da porta o inspetor Luiz da Polícia Civil do Rio Grande do Sul, fez um aceno de cabeça e se apresentou:

-Bom dia senhora, desculpe o incomodo, meu nome é Luiz, sou inspetor de polícia. Estou vindo de Porto Alegre e vou para o Cerrito. Vou especialmente para trabalhar na ocorrência do seu esposo, desculpe…

Nervosa, o rosto vermelho, ela gaguejou, procurou as palavras e disse:

-Sim… O senhor devia ter me avisado. Eu gostaria que minha sobrinha, que é advogada, estivesse aqui.

Inspetor Luiz levantou a mão espalmada dizendo:

-Tudo bem…. Fique calma… Só passei para deixar o meu cartão.

Ele tirou do bolso do casaco o cartão e entregou a ela dizendo:

-Meu telefone e o e-mail…. Se a senhora lembrar de alguma coisa que possa nos ajudar nas investigações, a senhora pode entrar em contato comigo. Precisamos descobrir quem matou o seu marido.

Com a mão tremendo ela segurou o cartão dizendo:

-O que eu sei, eu já disse na delegacia de Pedro Osório.

Inspetor Luiz sorriu, sacudiu a cabeça dizendo:

-Bem…. Caso a senhora lembrar alguma coisa…. Vamos descobrir o assassino.

Os dois ficaram alguns segundos em silêncio. Ela sacudiu a mão dizendo:

-Desculpa. Não convidei o senhor a entrar.

-Nada… Só estou de passagem…

Inspetor Luiz se despediu, apertou o botão chamando o elevador, entrou no elevador, esperou a porta fechar e resmungou:

-Bem nervosa a dona Ana Cláudia.

Passou pela portaria do prédio agradeceu ao porteiro. Abriu o carro, entrou e pegou o mapa para estudar o caminho entre Pelotas e Cerrito. Dois caminhos; pela estrada Pelotas a

Jaguarão ou pela estrada Pelotas a Bagé.

Cerrito e Pedro Osório, duas cidades pequenas separadas pelo Rio Piratini distantes de Pelotas cinquenta quilômetros.

Inspetor Luiz parou diante da Pensão da Dona Neuza, olhou as horas; quatro horas da tarde. Bem primeiro eu vou me acomodar e amanhã eu vou à delegacia.

Gorda baixinha sorridente, dona Neuza, limpando as mãos no avental disse:

-Boa tarde. As ordens!

Inspetor Luiz sacudiu a cabeça dizendo:

-Estou vindo de Porto Alegre, tem uma reserva…

Pedro Osório e Cerrito eram atendidas por uma única delegacia de polícia; a Delegacia de Polícia de Pedro Osório. Parados de pé diante de uma escrivaninha o inspetor Luiz conversando com um jovem inspetor e contando:

-Como está muito alto o índice de crimes não solucionados ocorridos em pequenas cidades do Rio Grande do Sul o governo resolveu agilizar. Escolheram alguns crimes e nomearam inspetores e investigadores para atuarem com exclusividade nas citadas ocorrências. Eu embora sendo inspetor fui designado para investigar esse crime de Cerrito e um crime em Piratini. Como Piratini é perto daqui…

- Sessenta quilômetros.

-Exato. Eu vou fazer minha base aqui. Estou parando na Pensão da Dona Neuza…

-Aqui não tem hotel em nenhuma das duas cidades.

-Então é isso; investigarei o crime do Cerrito e o crime de Piratini. Bem vamos ao que interessa; foi o jovem inspetor que atendeu a ocorrência?

-Exatamente; naquela noite eu era o plantão… Uma sexta-feira, dia vinte e nove de agosto de dois mil e quatorze… O doutor Baiano chamou a Brigada Militar que imediatamente foi para o local e do local da ocorrência o sargento que estava comandando a patrulha nos acionou…

Inspetor Luiz fez um gesto e tirou um papel do bolso do casaco, desdobrou, leu e perguntou:

-Baiano? Desculpa… Em Porto Alegre me deram apenas esse papel com umas poucas informações da ocorrência…Local da ocorrência; Matadouro… Vítima José e entre parênteses Zé. Estavam no local; Baiano, Basílio, o guarda Serafim e a esposa da vítima dona Ana Cláudia…. Eram essas quatro pessoas?

-Exatamente; Baiano, Basílio, guarda Serafim e dona Ana Cláudia…

-Ontem, quando passei por Pelotas, fiz uma rápida visita a dona Ana Cláudia. Ela tem apartamento em Pelotas.

-Exatamente, ela e o finado Zé tinham escritório de contabilidade em Pelotas e aqui o Matadouro.

O inspetor jovem fez um gesto foi abrir um armário onde remexeu e tirou um grosso maço de papéis que botou em cima da escrivaninha dizendo:

-Aqui a pasta da ocorrência…

Folheou procurando uma página. Bateu com a ponta do dedo na página dizendo:

-Aqui o croqui do local; o chamado Matadouro do Cordeiro Cerrito. É uma área cercada de tela, cerca com três metros de altura e com arame farpado acima. É um quadrado com o lado medindo cem metros…

-Um hectare.

-Exatamente. Só tem uma entrada; o portão da frente onde fica a guarita do guarda, o prédio, pequeno, do matadouro com um pequeno escritório, sala de matança e câmara frigorifica. Mais adiante dois galpões grandes onde eles criam ovelhas… E na sequência as três casas, numa mora o Basílio que é o responsável pelas ovelhas, na outra mora o Baiano que é gerente do matadouro e na última casa é onde parava o seu Zé, quando vinha a Cerrito…

Inspetor Luiz olhou bem o croqui e disse:

-Esta pasta da ocorrência eu vou levar para pensão; nesse fim de semana eu vou estudar bem essa ocorrência. Hoje é sexta-feira… Segunda-feira eu vou a Piratini… Semana que vem eu começo a trabalhar no crime do Cerrito.

O inspetor jovem fechou a pasta da ocorrência e a

entregou ao inspetor Luiz perguntando:

-Quando o senhor passou por Pelotas, visitou a dona Ana Cláudia; alguma intuição?

*

Geraldo entrou no escritório, olhou pela janela os últimos raios do sol refletidos na “Lagoa Caiubá”, fechou a janela para não entrar mosquitos. Andou de um lado a outro. O encarregado do secador de grãos abriu a porta dizendo:

- Licença? Seu Geraldo esse arroz que tá vindo da lavoura tá muito verde.

- Porra! Bota fogo nesse secador e te vira. Se eu vou esperar o arroz amadurecer pra colher a gente perde a metade da lavoura… Outra coisa; a moenga do beneficiador tá limpa? Essa noite vai chegar arroz limpo.

O encarregado do secador saiu e fechou a porta. Geraldo pegou o telefone celular para ligar para a esposa a fim de avisar que naquela noite ele ia ficar na granja. Teclou os números e na tela o aviso; serviço indisponível. Jogou o celular em cima da mesa reclamando:

- Merda! Esse Taim é o fim do mundo.

Ligou o computador e tentou acessar a internet; fora do ar, reclamou:

- Báh! Esse Taim não tem jeito.

No pátio movimento de máquinas voltando das lavouras, barulho dos equipamentos do secador de grãos e das máquinas de beneficiamento. Homens cansados voltando das lavouras. Troca de turno dos funcionários do secador e do beneficiador.

O capataz das lavouras bateu com a mão na porta e abriu pedindo licença e perguntando:

-Chamou doutor Geraldo?

-Sim…. Prepara os homens pra essa noite; descarga de arroz na lagoa… Dois mil sacos…

-Sim senhor! Uma notícia ruim; quebrou duas colheitadeiras e um trator…

Geraldo deu um soco na mesa e reclamou em voz alta, quase gritando:

-Porra! Vão acabar com as máquinas já no início da colheita…

O capataz das lavouras saiu dizendo:

-Não fica nervoso doutor.

-Não tou nervoso.

Estava nervoso sim, com a manchete do jornal Diário Popular daquela sexta-feira seis de março de dois mil e quinze: Dólar passa dos R$3,00 pela primeira vez em dez anos. Ele tinha um compromisso de compra de arroz do Uruguai com o pagamento em dólares. Pegou o telefone celular; precisava conversar com o corretor de grãos, tentativa em vão de conseguir ligação; serviço indisponível.

Geraldo espiou pela janela e viu movimento de gente na granja vizinha.

De um lado da estrada municipal a sede da granja dele; bateria de silos para armazenagem de arroz, secador de grãos, beneficiador de arroz, balança para pesar caminhões, prédio dos escritórios, galpões das oficinas, galpões para guardar máquinas e implementos, a vila de casas dos operários, o hangar e a pista dos aviões agrícolas. Do outro lado da estrada municipal uma granja bem menor, apenas dois galpões e dez casas de operários era conhecida como sendo a Granja do Homero. Geraldo possuía ali no Taim dez mil hectares de terras e tinha terras no distrito do Curral Alto no município de Santa Vitória do Palmar e terras no lugar denominado Canudos, na margem do Canal de São Gonçalo em frente a vila Santa Isabel do Sul.

Homero tinha mil hectares de terras e cultivava por ano uma média de quatrocentos hectares. Geraldo e Homero eram inimigos; briga de famílias, coisa muito antiga com mais de cem anos, começou por disputas de terras entre o avô de Geraldo o seu Juca do Taim e o avô do Homero o seu Luiz da Caiubá, uma briga que ficou conhecida como sendo a guerra entre Juquiras e Luiziras. Nos primeiros anos do Século XX as duas propriedades eram mais ou menos do mesmo tamanho e a atividade era criação de gado, na metade do Século a lã valia bom dinheiro e os Luiziras escolheram a ovelha certa para os

campos muito úmidos do Taim; a Romey March e tiveram um rebanho de mais de trinta mil ovelhas, progrediram compraram terras e tiveram luxo e poder.

No início dos anos sessenta do Século XX os Juquiras se dedicaram ao cultivo do arroz; Geraldo formado em agronomia assumiu o comando das propriedades e foi comprando as partes dos outros herdeiros.

Um cachorro latiu, vozes no pátio, um homem bateu na janela do escritório, Geraldo abriu a janela, o homem, funcionário da granja do Homero, nervoso disse:

-Desculpa seu Geraldo. Um causo de doença. Tem uma criança passando mal, aí na granja do seu Homero, e a gente quer um carro pra levar ela pro hospital…

-Brusco o Geraldo interrompeu:

-Ué! Carro? A granja de vocês tem dois caminhões e duas caminhonetes.

O homem esfregou as mãos e respondeu até um pouco gago pelo nervosismo:

-É... Te tem… É que…. Assim; o capataz só pode liberar os carros com ordem do seu Homero… O seu Homero não tá ai na granja…

-O capataz que telefone pro Homero…

-Os telefones não estão funcionando…

-O capataz que resolva… Aqui não tem carro pra ajudar Luizira…

O homem resmungou dizendo puta que o pariu e saiu batendo com as mãos.

Geraldo saiu, fechou o escritório, embarcou na caminhonete e rumou para a casa da estância. Do pátio da granja, na margem da Lagoa Caiubá até a casa da estância, na barranca da Lagoa Mirim são doze quilômetros por dentro da propriedade. Parou diante da casa, desceu e foi espiar para os lados da lagoa. Entre a chamada barranca da lagoa e a margem da lagoa uma várgea chamada o banhado e cortada por um caminho de quatro quilômetros de comprimento. Lá na margem da lagoa duas ou três luzes fracas; os homens descarregando o arroz contrabandeado do Uruguai.

Foi até a cozinha, abriu a geladeira, pegou um pedaço de salame. Estava sem fome. Pegou a chaleira e foi aquecer água para o chimarrão. Botou erva na cuia fez o chimarrão e foi para a sala. Fazer o quê? Ler, ver televisão, ver um filme. Tinha sempre um pequeno estoque de filmes. Escolheu o filme brasileiro: "Júlio Sumiu". Ligou a TV e o aparelho de DVD, botou o CD no DVD, pegou o controle remoto e sentou tomando chimarrão e vendo o filme.

Sábado levantou viu o noticiário da televisão. Uma notícia boa; os serviços meteorológicos previam uma semana de tempo bom no extremo sul do Rio Grande do Sul o que facilitaria os serviços de colheita.

Chegou no pátio da granja contente pois estava soprando um vento fraco vindo do Oceano e secando os cachos do arroz da umidade do sereno da noite; o serviço de colheita podia ser iniciado sedo. O cacho de grãos estando úmido o grão não debulha e não passa nas peneiras das máquinas colheitadeiras e acaba saindo junto com a palha. Desceu da caminhonete na frente do escritório e percebeu os olhares de três ou quatro funcionários que andavam pelo pátio. O capataz das lavouras foi ao seu encontro e contou:

-Bom dia doutor… Problemas… A criança morreu…

-O quê?

-A criança ai da granja dos Luiziras…. Não conseguiram carro pra levar ela pro hospital… Morreu ai…

Passou a mão na cabeça e entrou. Parou na janela voltada para a Lagoa Caiubá olhando o brilho da água. Na margem um casal de tarrãs. O telefone celular tocou; Ana Flora. Atendeu:

-Alô…

Ana Flora falou com voz nervosa:

-Geraldo tu és louco?

-Ué! O que aconteceu?

-Morreu uma criança aí no Taim, na granja do Homero…

-Quem te disse?

-A mulher do capataz das lavouras acabou de me

telefonar…

-Gente fofoqueira…

-Geraldo tu não deste um carro para socorrer…

-Gente dos Luiziras…

-Frescuras de Juquiras e Luiziras… Omissão de socorro; tu serás processado…

Geraldo ligou o computador, leu os e-mails, passou algumas mensagens, entrou no Facebook para espiar as páginas dos jornais; a notícia do dia era a lista com o nome dos políticos que seriam investigados nos processos de corrupção na Petrobras.

Passou o dia cismando e triste socado dentro do escritório. Cinco horas da tarde ficou de pé olhando pela janela que dava para o lado da estrada municipal que ali era chamada de corredor. Barulho de motor; a caminhonete da granja do Homero cheia de gente. Estavam voltando do enterro da criança. A caminhonete parou arrastando as rodas e levantando poeira. Uma mulher desceu, rosto sofrido lambuzado de lágrimas, caminhou decidida até perto da janela. Era a mãe da criança morta. Apontou o dedo e disse:

-Geraldo bandido…. Tu negou o socorro pra minha filha… Não vou te processar… O teu dinheiro compra tudo… O teu dinheiro não vai comprar água, eu vou te rogar uma praga… Teu fim será em cima de uma cama e louco de sede…

*

-Carne Quetzalteca e tortijas…

Disse dona Maria parada na porta da cozinha segurando uma jarra com horchata de arroz. Don Pepe sacudiu a mão.

Naquele apartamento na “Asa Sul” em Brasília se respirava a Guatemala. O som da Radio Êxitos 90,9FM sintonizada através da internet. Na parede da sala uma foto da Catedral de Huehuetenagro. Em cima da mesa um exemplar do jornal Diário La Hora e uma nota de dez quetsales.

Don Pepe vestindo bermudas e a camisa do Huehetenagro Basseball avisou a esposa:

-Maria não te preocupes, nossa convidada é uma pessoa

simples. Dona Ana Helena é sem frescuras.

Sem frescuras; calçando tênis, calça jeans. Com quarenta e cinco anos; Ana Helena era uma mulher bonita, magra alta e ágil. Parou o carro no estacionamento, pegou a pasta do notebook, fechou o carro e caminhou decidida até a portaria do prédio. Cumprimentou o porteiro dizendo:

-Bom dia… Apartamento do senhor Pepe.

-Sim senhora. Terceiro andar.

Don Pepe recebeu Ana Helena com alegria, apontou a pasta do notebook e disse:

-Me dê a pasta que eu guardo no meu escritório.

Ela entregou a pasta, ele piscou, segurou a pasta e foi levar para o escritório.

Don Pepe era guatemalteco e representava em Brasília várias empresas da América Central.

Ana Helena era assessora de um deputado federal.

Almoço tranquilo conversaram sobre a Guatemala, sobre esportes, sobre o novo canal unindo o Pacifico ao Atlântico: Canal de Nicarágua. Evitaram falar sobre a crise política no Brasil e sobre os escândalos envolvendo políticos e as empreiteiras de obras.

A sobremesa foi canillitas de leche. Ao fim da sobremesa Ana Helena agradeceu ao almoço e disse:

-Tenho que ir. É que ainda tenho alguns compromissos.

Don Pepe piscou, sorriu disse que compreendia e levantou dizendo que ia ao escritório buscar a pasta do notebook. Dona Maria e Ana Helena se encaminharam para a porta de saída. Don Pepe demorou alguns minutos a voltar do escritório e quando entregou a pasta, piscou e disse:

-Tenha cuidado. Transmita um abraço ao senhor deputado.

Ana Helena passou ligeiro pela portaria do prédio, saiu, olhou para todos os lados, segurando firme a pasta do notebook, caminhou ligeiro até o carro, olhou para todos os lados, abriu o carro e botou a pasta debaixo do banco. Ligou o carro e saiu um pouco preocupada e nervosa.

Na Avenida W Norte ia mais calma, viu pelo retrovisor

o carro preto que a seguia. Um outro carro preto cortou a frente dela. Disse um palavrão e botou o pé no freio para diminuir a marcha. O carro de trás fez sinal de luz. O carro da frente acendeu os piscas alerta. O carro de trás buzinou e o motorista botou o braço pela janela fazendo sinal para ela parar. Ligou o pisca e parou dizendo:

-Puta que o pariu tche!

Os dois carros pararam e logo o carro dela estava cercado de homens. O negro alto que chegou junto a janela do carro dela avisou:

-Policia… Polícia Federal.

*

Botas sujas de barro, bombachas e camisa tapadas de poeira, Geraldo entrou no apartamento pela porta da área de serviço. Ana Flora estava parada na porta da cozinha. Ele perguntou:

-Que tá acontecendo? O pessoal do edifício tá nas sacadas batendo em panelas?

-Panelaço. A presidente Dilma está fazendo um pronunciamento na televisão.

-La em Brasília ela vai escutar batidas em panelas feitas em Pelotas…

-Não é só em Pelotas, o panelaço é em todo o Brasil.

-Bueno, eu vou tomar um banho. Passei o dia correndo de um lado pra outro naquela granja… Tem janta?

-Vou telefonar pedindo um bauru. Hoje eu não cozinhei… Hoje foi um domingo péssimo. De manhã bem cedo a Ana Dulce me telefonou dizendo que está com problemas de dívidas…

Nervoso quase gritando ele interrompeu dizendo:

-Ana Dulce e suas contas! Eu não quero saber. Ela tem marido e filhos…

-Calma homem.

-Ora calma! Ana Dulce é doente, essa mania de comprar, comprar. Isso te estragou o dia?

-Tem mais; Ana Júlia.

-Ana Júlia; o que aconteceu?

-Voltou a ter problemas, aquelas crises porque não consegue engravidar…

-Ué! Faça um tratamento… O marido dela é metido a garanhão…

-O roto falando do descosido… Ainda não esqueci a tal história com a mulher lá da granja no mato de eucaliptos; doutor Geraldo no " moitel"…

-Fofocas daquele povo da granja. Eu vou tomar um banho…

-Calma tem mais; Ana Helena foi presa hoje de tarde lá em Brasília…

-Por que?

-Não se sabe…. Ela mandou uma mensagem para filha… Eu passei a tarde tentando falar com ela, mas o telefone dela só dá sinal de ocupado.

-Deve ser coisas do deputado… La em Brasília a coisa tá virada numa bagunça; nem te preocupa lá tudo se ajeita… Eu vou tomar um banho.

-Outra coisa; Ana Cláudia. Hoje ela veio almoçar aqui. Ela está preocupada; um inspetor de polícia veio de Porto Alegre para o Cerrito pra investigar a morte do Zé…

-Ué! Ela devia ter se separado do Zé há muito tempo; agora babau… Bueno, eu vou tomar um banho.

Ana Flora levantou a mão fazendo sinal para ele esperar, olhou firme nos olhos dele e disse:

-Falta o mais importante; o senhor negou socorro para uma criança e a criança morreu.

Desapontado ele baixou a cabeça e resmungou:

-Gente do Homero; Luiziras.

-Frescuras de Juquiras e Luiziras! Tu és um monstro… O remorso… E a família vai te processar…

-Não… A mãe da criança me rogou uma praga.

-Praga. Precisamos descobrir se existe alguma coisa que anule uma praga…

Geraldo bateu com as mãos nas pernas, fazendo sair poeira das bombachas e disse:

-E tu acredita em praga! Se praga pegasse a humanidade já tinha sumido…

-Minha mãe sempre dizia que dependendo da situação, a praga pega…

-Meu pai dizia que praga de urubu não mata cavalo gordo.

-Não foi praga de urubu, foi praga de uma pobre mãe sofrida.

-Pronto. Assunto encerrado.

-E qual é a praga?

-Ah! Eu vou acabar em cima de uma cama louco de sede…

*

-Um mau caminho, um caminho perigoso... Um mau caminho... Um mau caminho.

Disse a mulata, bonita, de pele cor de bronze, olhos cor de mel, lábios vermelhos e um pano verde amarrado na cabeça, olhando firme para o Pedro que estava sentado diante dela, entre os dois uma pequena mesa sobre a qual estavam os búzios. Ela tocou com as pontas dos dedos nos búzios, olhou nos olhos dele e repetiu:

-Um mal caminho... Tu estás numa encruzilhada e se não tomares cuidado podes entrar por um caminho muito perigoso que pode te levar a morte...

Parou de falar, sacudiu a cabeça e perguntou:

-Tu não acreditas nos búzios?

Pedro sacudiu as mãos, olhou para os lados e respondeu baixinho para que sua esposa Ana Júlia que o esperava na peça ao lado não escutasse:

-- É... Não... Eu só vim que é para não contrariar minha mulher...

Sacudiu a cabeça e tentou explicar:

-Nós somos casados há quinze anos e não temos um filho... Ana Júlia nunca engravidou. Ela sonha em ser mãe... Já procuramos médicos e nada aconteceu... Por causa disto já teve duas crises violentas em nosso relacionamento... E ela é

quem pediu para eu vir consultar contigo, e para não contrariar ela, é que eu vim...

A mulata sacudiu a cabeça afirmativamente, olhou bem nos olhos dele e disse:

-Eu joguei os búzios para ela e vejo muito horizonte para ela ser mãe.

Com as pontas dos dedos da mão direita juntou os búzios e colocou a mão esquerda, quente, sobre a mão dele e disse:

-Acreditando ou não, tem cuidado com os teus próximos passos. Se tu acreditas nos orixás, faz oferendas; se acreditas nos santos, faz orações.... Se não acreditas nem em orixás e nem nos santos procura acreditar pois vais precisar de ajuda superior; muita ajuda…. Muita ajuda.

*

Metade do corpo caído em cima da mesa, por cima do braço esquerdo. Braço direito estendido tendo ao lado o revólver.

Inspetor Luiz analisando os levantamentos feitos pelo perito e pela patrulha da Brigada Militar. Croquis, fotos e descrição.

A garagem também usada como churrasqueira, peça de três metros de largura por sete de comprimento. A mesa com um metro de largura e cinco de comprimento.

As pernas do morto; a esquerda dobrada e a direita espichada.

O perito caprichou e tirou várias fotos da mesa. Em cima da mesa um exemplar do jornal Diário Popular do dia vinte e nove de agosto de dois mil e quatorze com as duas manchetes: Boas perspectivas para a safra de morango e Crescimento populacional de Pelotas é pequeno. Também em cima da mesa um prato vazio, um prato com farinha de mandioca, um prato com molho. Detalhe que a farinha e o molho tinham se espalhado em torno dos respectivos pratos.

Inspetor Luiz coçou o queixo e resmungou:

-Bateram nessa mesa.

A vítima detonou três tiros e o autor apenas um. A vítima deu um tiro que atingiu o canto direito da mesa na outra extremidade, outro tiro atingiu a parede acima do portão mais ou menos na parte media do vão e o terceiro tiro atingiu a parede junto ao marco do portão no lado esquerdo.

-Um tiro para baixo a direita, um tiro pra cima a frente e um tiro pra esquerda…

A vítima foi atingida com um tiro no coração.

Os quatro tiros detonados na ocorrência tinham os projéteis de mesmo calibre…

*

-Não tem luz, o pessoal da "CEEE" tá trocando postes, eu vi o caminhão deles carregando aqueles postes ali da beira dos trilhos.

-Liga o gerador…

Pedro vestindo o macacão branco, Ana Júlia montando os conjuntos de ordenha, Biluca tocando um lote de vacas para dentro do galpão, Tida fechando o chiqueiro dos terneiros e o tio Bila ligando o gerador.

Quatro horas da tarde. Começaram a tarefa de ordenha; tirar o leite é o termo usual. Oitenta vacas com uma produção total de cerca de mil litros. Pedro, Ana Júlia, Biluca e a Tida na sala de ordenha. O tio Bila no lado de fora pronto pra pequenos ajutórios. A vaca levanta a cola e a bosta respinga o macacão da Tida. Pedro troca as teteiras de uma vaca para outra. O terneiro colorado berra. Biluca maneia a vaca branca. Ana Júlia bota ração num dos cochos. Uma vaca mija. Tio Bila abre a porteira.

-Voltou a luz, desliga o gerador e vira a chave…

Pedro e Biluca carregam o tarro cheio de leite e despejam na bandeja, tio Bila liga a bomba que tira o leite da bandeja e bota no resfriador. Tida liga o resfriador.

Abre a porteira solta um lote de vacas ordenhadas, bota ração nos cochos, entra outro lote para ordenhar. Cada vaca no seu cocho.

-Ajeita vaca! Vai pro teu cocho sua puta… Ajeita!

As teteiras sugam o leite dos úberes e botam nos tarros.

Despeja os tarros na bandeja, da bandeja a bomba transfere para o resfriador. Biluca disse:

-Patrão precisamos de uma ordenhadeira canalizada.

Pedro deu uma risada, Ana Júlia disse:

-Concordo com o Biluca.

Vaca berra, terneiro mama, vaca mija, terneiro bosteia. Os quatro conjuntos de ordenha não param. Terminou uma vaca, transfere para outra. Solta o terneiro para ir mamar. Pronto outro lote.

Pedro, Ana Júlia, Biluca, Tida e tio Bila os cinco fazem tudo e tudo é feito por eles.

Fim da ordenha; leite tirado hora de apartar as vacas dos terneiros. Vacas apartadas, hora da primeira limpeza; enche o tanque com água, desmonta os conjuntos de ordenha. Detergente na água do tanque; mangueiras e teteiras de molho. Água nos tarros. Pega as vassouras e liga a mangueira de lavar o chão.

Nove horas da noite; fim da lida. Hora de tirar botas e macacão. Macacão branco, nas costas pintadas a marca da fazenda.

Hora de tomar banho, ver o jornal da TV e depois a novela. Tio Bila não via TV escutava rádio. Pedro não via novela iria para frente do computador navegar na internet.

Ana Júlia queria fazer um bolo de coalhada alegou que não tinha ovos disse:

-As galinhas tão botando pouco ovo.

Tida disse:

-Eu tenho alguns…

Passaram na casa da Tida para pegar os ovos. Na volta da mesa da cozinha os quatro filhos da Tida e mais os filhos da vizinha jogando um jogo de cartas chamado Uno e fazendo algazarra. Ana Júlia olhou o grupo de crianças e trocou de cor; Pedro notou. Entraram em casa e ela começou a chorar e foi se encerrar no quarto. Pedro resmungou:

-Começou tudo outra vez…

*